

GUIAS "PANORAMA" • 8

AÇORES





S. Miguel — Açores — Um aspecto dos Lagos Verde e Azul das Sete Cidades

O arquipélago dos Açores, com as suas nove ilhas e vários ilhéus (Formigas, etc.) dispostos em três grupos, constitui o que já se chamou «um porta-aviões» sobre o Atlântico, formado pelo cumes de uma vasta cadeia submarina, junto da qual se abrem fossas abissais de 4 e de 5:000 metros. (O Museu Oceanográfico de Mônaco guarda curiosos exemplares da fauna submarina açoriana, recolhidos pelo Príncipe Alberto, e muitas peças de interesse etnográfico para o arquipélago).

A 37° (Santa Maria) e 40° (Corvo) de latitude N., e a 25° (Santa Maria) e 30° 30' (Flores) de longitude O., os Açores oferecem uma das mais belas visões vulcânicas do Atlântico, com as suas costas de recorte atormentado e de rebentação magnífica, os seus pastos e culturas de um verde perpétuo, os seus montes coroados de nevoeiros, as suas «grotas» verdejantes e as suas lagoas coloridas. Apesar da distância a que ficam da Europa (Santa Maria, 1.400 km.) e da América (Corvo, 3.600 km.), múltiplas linhas aéreas civis (Santa Maria) e militares (Lajes: Terceira) ligam o arquipélago com o resto do Mundo, além das carreiras periódicas de navegação marítima.

Da ilha de Santa Maria, onde está um grande aeródromo civil internacional, à ilha do Corvo, que é a mais pequena, vão 600 km. de mar semeado de nove plataformas basálticas, onde vegetam plantas da flora de toda a Terra e pousam aves vindas de todas as paragens. A temperatura é ideal, nunca acima de 30° na época mais quente do ano (Agosto) nem abaixo de zero na mais fria (Fevereiro), com médias térmicas de 15° a 17°. O clima, embora bastante húmido e de pressão atmosférica acentuada, torna-se benigníssimo nos dias de céu entreaberto, com os seus tons de opala sobre montes verde-negros e campos em que o verde conhece todos os matizes e onde as

casas alvejam anunciando uma vida patriarcal. As gramíneas alpestres, as luzernas, os milharais, as searas de praga alterando com os tremoços e os chicharos, tudo isto em contraste com culturas exóticas, como o chá, o ananás de estufa, a bananeira, o tabaco, a espadana, o amendoim, dão aos Açores um encanto inexprimível de terra eclética, que, sendo acentuadamente mediterrânica, tem algo de subtropical e longes de região fria.

É a vegetação que principalmente contribui para semelhante impressão, com a abundância de araucárias e criptomérias, com os fetos arbóreos que acompanham e sublinham as mofetas e fumarolas em que o solo se desentranha nalguns pontos, com as hidrângeas (hortenses) que, de Maio a Julho, vão azulando as pastagens do interior, a que servem de vedação, enfim com a infinita variedade de arbustos e trepadeiras sul-americanos e asiáticos. Ao azevinho, ao pau branco, ao vinhático, à faia e ao cedro anão da flora espontânea primitiva sucedeu o pitosporo (incenseiro) e a criptoméria, que, como a hidrângea hortense, é espécie japonesa.

Apesar das características gerais comuns de clima e paisagem, pode dizer-se que cada ilha tem a sua expressão própria e a sua índole diferente.



SANTA MARIA, a mais oriental, fica a 1.400 km. da Europa. Os seus calcários singularizam-na geologicamente entre as demais; o barro da Almagreira é exportado para todo o arquipélago em potes, alguidares e «talhões», — ou sejam bojudos depósitos para a água das chuvas, que ainda hoje se vêem meio enterrados nalgumas casas de campo antigas. O grande aeroporto civil, lá construído durante a última guerra, dando movimento à pacata Vila do Porto alterou o viver edénico da população mariense, uma das mais castiças de Portugal. Mas ainda hoje são curiosíssimos os usos e costumes das suas povoações: festas do Espírito Santo, etc. A praia de São Lourenço é acolhedora e ameníssima. As mulheres, com o seu cha-

Santa Maria — Açores — Praia de S. Lourenço





*Santa Maria — Açores —
Igreja de Santo Espírito,
uma das mais formosas
do arquipélago*



*Santa Maria — Açores —
Ermida dos Anjos, onde
Cristovão Colombo esteve,
com sua tripulação, a re-
zar, no seu regresso da
América*



*Santa Maria — Açores —
Estrada rural*



*Santa Maria — Açores — Vida rural ★ Paisagem rural ★ Vida rural
Aeroporto*





Ponta Delgada — Igreja do Colégio — um dos mais antigos e valiosos monumentos arquitectónicos da ilha de S. Miguel



Na página ao lado:

S. Miguel — Açores — Lagoa de Fogo



S. Miguel — Açores — Um aspecto da pitoresca reguesia do Porto Formoso



S. Miguel — Açores — Costa Norte



S. Miguel — Açores — Aspecto da Costa Norte, onde avulta a diversidade das culturas agrícolas

péu abeiro, e algumas, ainda, com o mantéu ou coca de lã, são excelentes fiandeiras, mondadeiras, tudo. A ilha de Gonzalo Velho, primeiro povoador do arquipélago, é, com as Lajes da ilha Terceira, a plataforma aérea mais avançada da Europa.



SÃO MIGUEL. É a maior ilha dos Açores, disposta em curva acentuada, com os seus 746.82 km² e cerca de 50.000 habitantes, ou seja um quinto da população do arquipélago. Além da cidade de Ponta Delgada, capital de distrito e sede do Comando Militar dos Açores, tem cinco importantes vilas, algumas das quais — Ribeira Grande, Vila Franca e Povoação — são verdadeiras cidades, amplas, dotadas de prósperas indústrias, com solares de poderosa e típica traça e vastos conventos que, como o de Santo André de Vila Franca do Campo, eram afamados pelos doces e artes decorativas.

A paisagem da ilha de São Miguel encerra alguns dos panoramas mais belos do mundo, caracterizados, aqui, pela estrutura vulcânica do solo, pelos seus acidentes bruscos ou suavíssimos e por uma vegetação de mágica, que se dispõe em torno de lagoas de sonho e sulfataras prodigiosas.

FURNAS — A 40 km. de Ponta Delgada, no concelho da Povoação. A freguesia que se aninha no vale tem perto de 3.000 habitantes. Mas o Vale das Furnas, mais do que um povoado, é um milagre telúrico que se desvenda ao viajante, encovado entre montanhas, feito de fumos de caldeiras e dos reflexos de uma lagoa. Os *geysers* ou jactos de água quente; as *salsas* ou lamas salgadas, como as da Caldeira de Pero Botelho; as sulfataras, mofetas e fumarolas rebentando pelas frinchas do chão espantam e deslumbram. Tudo isto se desentraña numa incalculável riqueza de águas termais, ora sulfúreas





S. Miguel — Açores — Visão deslumbrante dos Rododendros e Azálias do Parque do Hotel «Terra Nostra» das Furnas

hipertérmicas, próprias para reumatismos, bronquites e dermatoses, ora bicarbonatadas fracas, eficazes nas doenças do aparelho digestivo. Como águas hipossalinas são notáveis as da Camarça. As carbonatadas são muito abundantes e difusas: Morangueira, Quenturas, Água Azeda, Água Santa. As sulfúricas sódicas borbotam na Caldeira de Asmodeu, na Caldeira Grande e no Caldeirão. Há também nascentes quentes na vila da Ribeira Grande.

Esta enorme riqueza hidrológica foi conhecida de longa data, embora aproveitada intermitentemente. A primeira fundação religiosa e terapêutica das Furnas data de 1613, mas a terrível erupção de 1630 arruinou o pouco que se fizera e desviou por algum tempo a concorrência aos banhos. Em 1816, com a descoberta das *Quenturas*, recrudesceu o emprego das águas, que em 1791 tinham sido sumariamente estudadas pelo químico inglês Gourlay e que em 1870 o francês Fouqué, a pedido do fisiologista micaelense Filomeno da Câmara, analisou a fundo. É essa a verdadeira data das termas propriamente ditas, que a Junta Geral de Ponta Delgada estabeleceu e explora.

S. Miguel — Açores — Região dos Lagos das Sete Cidades



A Sociedade Terra Nostra desenvolveu notavelmente o turismo das Furnas abrindo um magnífico hotel e comprando e reconstituindo o maravilhoso parque dos Marqueses da Praia e Monforte. A Ribeira Quente, que o banha, e por onde se escoam as nascentes do Vale das Furnas, está literalmente coberta de *inhamal* ou plantas de *inhame*, cujo tubérculo, rico em fécula, às vezes assado à boca das sulfataras, é muito apreciado pelos açorianos, que o comem sobretudo durante a Semana Santa, (A planta de inhameiro é um *acanteroptígeo* da família dos percóides).

O parque é um prodígio de flora universal, com exemplares gigantescos, seculares, de araucárias, robínias, plátanos, criptomérias, sicómoros, pitosporos, etc. Fetos, fúcias e trepadeiras raras entrelaçam-se por toda a parte. A atmosfera húmida e tépida impregna-se dos fortes aromas das muscíneas, suavizando a visão dura e terrível das caldeiras ferventes, sem-



S. Miguel — Açores — Lagos verde e azul das Sete Cidades

pre envoltas num halo de fumo de enxofre. Outros parques notáveis enriquecem o Vale das Furnas e a orla da lagoa, tais como os dos herdeiros de José do Canto e do Visconde de Porto Formoso.

SETE CIDADES: Com esta designação da lendária ilha ou terra firme dos mareantes medievais é conhecida uma vasta taça afundada entre montes da freguesia dos Ginetes, não longe de Ponta Delgada pela estrada dos Mosteiros e depois de se subir a uma serra acidentada de pastagens, do cimo da qual — Alto do Rei — se descobre um dos panoramas lacustres mais belos do mundo. São duas vastas lagoas comunicantes, em forma de viola ou ampulheta, assentes no terreno da cratera de um extinto vulcão. A maior (Lagoa Azul) fica ao norte e tem uns 30 metros de profundidade. Ao sul abre-se a Lagoa Verde, com 26. São 5 km. de comprimento por 2 e meio de

*S. Miguel — Açores — Trajos
regionais*



*S. Miguel — Açores — Moinho
de vento*



*S. Miguel — Açores — Lagoa do
Canário*





S. Miguel — Açores — Rua ladeada de hortênsias

largura de águas calmas, orladas de uma vertente montanhosa semeada de uma variedade bravia de gardénias a que na ilha chamam *conteiras* e que, no tempo da flor, formam em torno do lago uma muralha verde e oiro. O pequeno istmo que estrangula a massa de águas em dois bojos é todavia suficiente para nele se construir uma pousada (em projecto). Na orla mais baixa estende-se um grande parque particular, aberto ao público (Dr. Jacinto de Andrade Albuquerque), em que se admiram riquíssimas e variadas espécies florestais, como no Vale das Furnas, inclusive uma mata de araucárias que nos dá a ilusão de arribar a paragens da Austrália. Pela aliança de suavidade e de força deste quadro de águas prisioneiras de montes, somos transportados como que a um país de sonho, a um retiro fundo e inefável. Para regular o nível de água das lagoas, que outrora ameaçou a povoação soterrando parte do palacete do parque, foi aberto um canal de derivação, que se pode visitar aproveitando-se algum passeio de barco. Costear as margens das lagoas das Sete Cidades, acidentadas de barrancos e de portinhos, aonde mal se afoita uma ou outra cabra

S. Miguel — Açores — Um aspecto da Costa Norte





dos pastores dos Ginentes, é um dos maiores encantos da ilha de São Miguel, onde aliás existem outras lagoas belíssimas, como a do Congro e a do Fogo, na Serra de Água de Pau. O ponto mais alto do encaixe serrano das Sete Cidades é o Pico da Cruz, com uma vista deslumbrante. Nos próprios dias de *mormaço*, uma brusca aberta de sol, dissipando os nevoeiros, faz da visão repentina do vale e das lagoas um milagre de vara de condão.

S. Miguel — Açores — Ponta Delgada — Aspecto da imponente procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres



S. Miguel — Açores — Ponta Delgada — Aspecto da Igreja do Senhor Santo Cristo dos Milagres durante as noites da festa



Ilha Terceira — A cidade de Angra do Heroísmo



PONTA DELGADA. É a maior cidade dos Açores (para cima de 20.000 habitantes), na maior abertura dos 130 km. de costa da ilha de São Miguel, com um excelente porto artificial, começado a construir em 1861 e provido de cais acostáveis. Uma bela avenida marginal enquadra as Portas da Cidade, reconstituídas, com três arcos nobres brasonados que abrem sobre o centro urbano, vendo-se ao fundo o relógio e a torre da Matriz, que tem bons portais manuelinos. Perto fica o antigo Paço Municipal, restaurado (hoje sede da Mocidade Portuguesa local), com a sua torre sineira, não longe do imponente edifício dos C. T. T., obra-prima da arquitectura nacional moderna.

A cidade é muito típica, com o seu casario atarracado e sòlidamente rasgado de portas e de janelas, abundando as varandas de ferro forjado e de reixas. As casas nobres têm um ar cispado e robusto, no dèdalo de ruas compridas e estreitas, com os seus velhos letreiros ovais de azulejo. São notáveis o convento da Esperança, no largo de S. Francisco, onde se venera a imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, objecto de um velho e fervoroso culto, extensivo às mais ilhas dos Açores; o convento da Graça, onde funcionou o tribunal; o de Santo André (1567), e a igreja do Colégio (1592), a fachada de um barroco floral exuberante, que mais lembra um móvel oriental do que uma igreja cristã. O Museu Regional está instalado no belo edifício do extinto convento de Santo André, modelar nas suas cantarias negras e nas suas açoteias salientes. Tem uma boa colecção de pintura do séc. XIX, desde o Morgado de Setúbal a um interessante pintor quase impressionista local: Artur Viçoso May. As peças de arte ornamental e caseira são muito curiosas também, sobretudo alfaias de conventos e uma boa reconstituição do *habitat* micaelense. Mas a maravilha de Ponta Delgada são os seus antigos jardins ou parques senhoriais: António Borges, José do Canto, Marquês de Jácome, onde vicejam, como nos parques das Sete Cidades e das Furnas, devidos aos mesmos mecenas da gran-





Ilha Terceira — A freguesia piscatória de Porto Matour

de geração micaelense da primeira metade do séc. XIX, as mais várias e raras espécies exóticas. Pátria de Antero de Quental, Ponta Delgada erigiu-lhe um modesto monumento numa das suas praças, e outro ao explorador africano, também micaelense, Roberto Ivens. A Biblioteca Pública é riquíssima, encorporando a monumental camoniana de José do Canto e as livrarias de Teófilo Braga e de Antero.



TERCEIRA. Com os seus 35 km. de comprimento por 20 de largura e os seus 50.000 habitantes, a ilha, que também se chamou de Jesus Cristo, tem uma expressão nitidamente alpestre e agrária, encabeçada pelo nobre reduto urbano de Angra do Heroísmo. Esta cidade é a mais bem traçada dos Açores, de que foi capital até ao século XIX (1832), primeiro como sede episcopal e ponto fortificado, abastecedor das naus da Índia, e logo (séc. XVIII) como sede de capitania general.

Desse fausto e primazia conserva a nobreza do aspecto urbano, com os seus solares e conventos sobrepujados pelas muralhas e torreões do Castelo de S. João Baptista, de traça filipina, uma das mais belas e grandiosas fortificações quinhentistas realizadas por europeus. Ergue-se no istmo do Monte Brasil e enquadra, entre cortinas poderosamente desenvolvidas, uma cidadela militar, com amplas paradas, uma igreja votiva da Restauração, e vastos torreões e baterias de barbacãs assentadas sobre a cidade e o mar. Ali estiveram prisioneiros D. Afonso VI, o último chefe vátua, Gungunhana, e o landim Matibejana, ex-régulo da Zichacha, presas da grande geração africanista de 1895.

A igreja da Misericórdia é um belo exemplar da arquitectura peninsular renascente tardia, de antes do delírio barroco; a do Colégio é notável pelas suas capelas cubiculares, tectos de cedro e imagens; na de S. Francisco repousam os restos de Paulo da Gama; a de S. Gonçalo tem um coro interessante e belos azulejos. Dos velhos solares angrenses poucos restam: o dos Cantos, provedores-mores das Armadas (Remédios), o dos Bettencourts, capitães-mores de Angra (Madre de Deus), o dos «Bettencourts de trás da Sé» (restaurado para sede do Museu e do Arquivo Distrital em organização), o dos Sieuves de Meneses e o dos Morgados do Portão (São Pedro). Mas nos arredores residenciais de Angra — Caminho de Baixo, Caminho do Meio, São Carlos, Pico da Urze, Boa Hora —



Angra do Heroísmo — Jardim Público



Ilha Terceira — Pormenor rústico
Ilha Terceira — Um bodo do «Espírito Santo»





Terceira — Um característico carro de bois num ambiente edénico

vêem-se belas quintas armoriadas e vivendas rodeadas de jardins e pomares primorosos.

PRAIA DA VITÓRIA, a 21 km. de Angra, é uma vila ampla e castiça, debruçada numa bela baía que serve de porto ao aeródromo militar das Lajes, um dos maiores do Ocidente, com as suas vastas pistas assentes na planície do Ramo Grande. A vista das instalações e do parque de aviões das Lajes, num quadro de culturas estendidas entre cordilheiras serranas — a de Santiago, a do Cume e a da Agualva — é impressionante de grandeza e vastidão. A Praia da Vitória tem de monumentalmente notável a sua Matriz, de capelas e pórticos manuelinos, e uma comovedora ermida e hospício de Lázaros. Note-se também, a 10 km., a Matriz da Vila de S. Sebastião,

Ilha Graciosa — Uma das típicas «aldeias-chemilles», tão curiosas nos Açores



exemplar de transição do gótico para o manuelino, em restauro.

Mas o mais característico da ilha Terceira é a sua vida pastoril e agrária. As *criações* de gado bravo, os currais de vacas, as férteis terras litorais de cereais de pragana, milho e forragens perenes imprimem à população um forte cunho rústico, que se traduz na *aficion* pelas touradas à corda e de arena, pelo gosto das ferras e tentas, das cantorias, dos bodos de leite.



GRACIOSA. Longa de 17 km. e larga de 10, esta ilha orça por uns 9.000 habitantes, especialmente concentrados nas vilas de Santa Cruz e da Praia e dados à cultura da vinha e dos cereais e mimos. Um traço típico da vida local era a abundância de jericos para transporte de gente e cargas. A vila de Santa Cruz tem um terreiro urbano magnífico, rodeado de vivendas apalaçadas e de um pequeno parque municipal fron-



Ilha Graciosa — Vila de Santa Cruz

doso. O tempo das vindimas e da caça é muito animado pela população calma e afável da ilha, que foi colonizada por algumas famílias nobres no século XVI. Chateaubriand fez escala em Santa Cruz e apreciou a paisagem local, de um forte «perfume a trigais», sobrevoada de narcejas. Garrett, cuja adolescência decorreu na Terceira, aí viveu uns meses de férias com um tio, e aí amou. A célebre Furna da Graciosa, a que o Príncipe Alberto de Mónaco e outros excursionistas desciam amarrados por uma corda, é um excelente campo de aventura para espeleólogos, com as suas agudas estalactites de basalto e a sua difusa luminosidade de cripta. As águas termais do Carapacho têm nome e clientela.



SÃO JORGE — Ilha alongada, em forma de torpedo, mede 65 km. por 4 e tem perto de 15.000 habitantes. É toda ela serra alcantilada, com a costa norte muito abrupta e o pico do

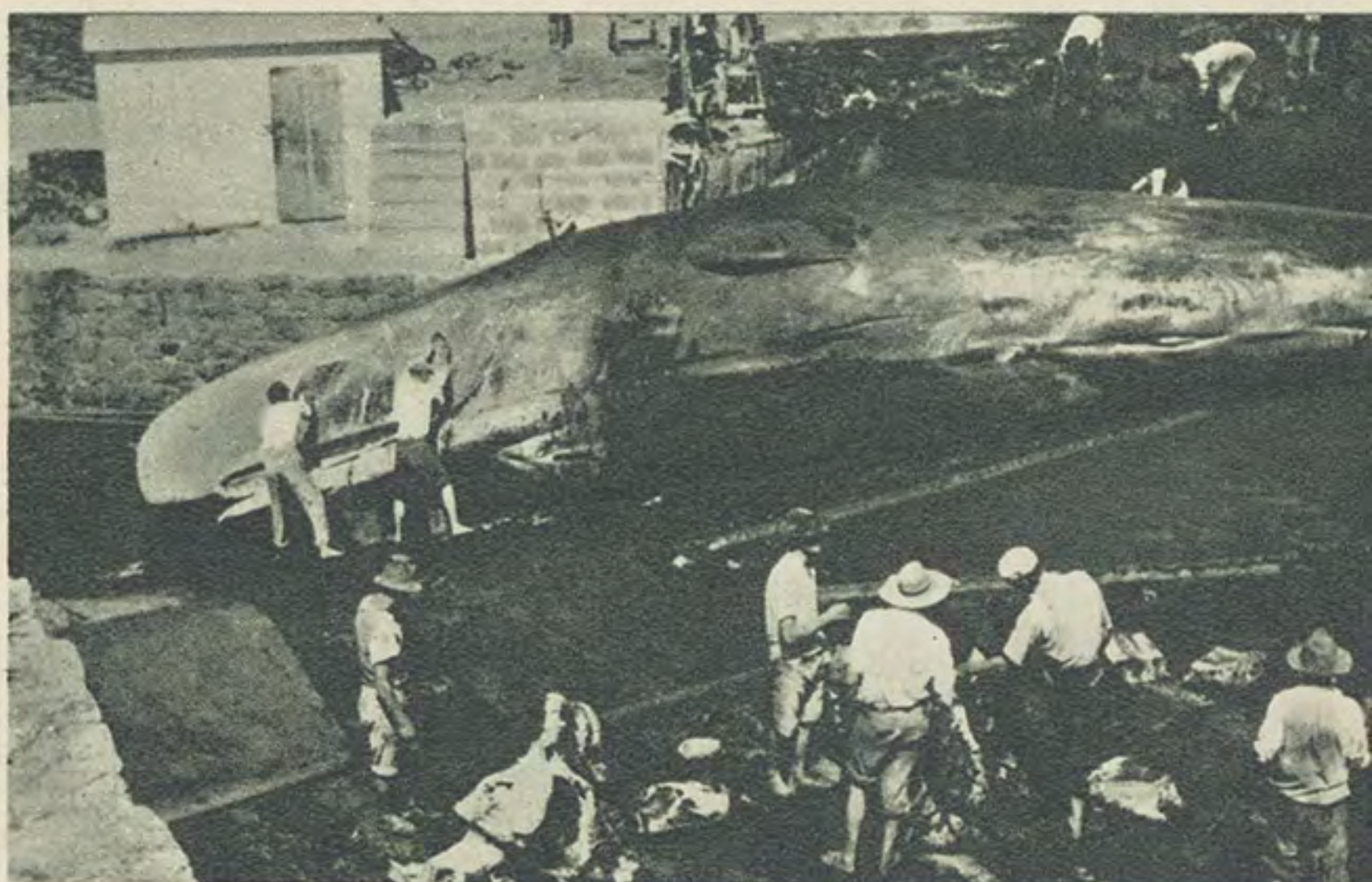


Ilha de S. Jorge — Vila de Calheta

Foto: Jovial

Faial — Açores — Igreja da Matriz — Horta





Fotos: Jovial

★ *Canoas da pesca da baleia — Distrito da Horta*

★ *Uma baleia na fábrica da Horta*

★ *O capote — Ilha do Faial*





Fotos: Jovial

Faial — Açores — Vista da Cidade da Horta

Topo alçado a 1.609 m. O seu recesso pronunciadamente alpestre é incomparável, bardado de hortenses que estremam pastagens ubérrimas, de onde sai o leite puríssimo para o chamado «queijo da Ilha» das manteigarias alfacinhas. As vilas das Velas e da Calheta, com os seus concelhos castiços, concentram a população urbana, de pequenos proprietários, burocratas e mercadores.

A beleza da paisagem jorgense avulta nas *fajãs*, pequenos núcleos povoados, como na costa da Madeira, ao fundo de falésias que se diriam inacessíveis, e nas remotas freguesias da costa alta da ilha, como o Norte Grande, onde vive uma gente diligentíssima e aguda, de costumes extremamente policiados e arcaicos. As mulheres são excelentes tecedeiras; tanto sacham e mondam como fazem flores de papel e renda de crivo; as suas esteiras são perfeitas e os seus doces inextinguíveis. Aqui viveu muito tempo e daqui era natural Francisco de

Cidade da Horta — Baías de Porto Jim e Horta





Fotos: Jovial

Vegetação luxuriante das estradas do Faial

O Pico visto da ilha do Faial



Trecho da costa da Ilha do Faial com o Pico ao fundo



Lacerda, mestre da Schola Cantorum de Paris e músico de grande temperamento.



FAIAL — Com 25 por 20 km. de campos e pastos e a bela Caldeira debruada de hortenses a pouca distância da cidade da Horta, a «ilha Azul», como lhe chamou Raúl Brandão, tem pouco mais de 21.000 habitantes, atilados e industriais, vivendo sobretudo de uma lavoura e pecuária de pequena propriedade, e um pouco do tráfego do porto, outrora frequentado por veleiros americanos e ingleses baleeiros. Abrigado pela longa muralha da ilha do Pico, que lhe fica fronteiro e próximo, o porto da Horta, com o seu molhe e doca, teve bastante importância comercial, possuindo instalações de aguada e carvão e três estações de Cabo submarino.

Dessa intensa vida portuária resulta o ritmo desembaraçado e um pouco cosmopolita da pequena cidade, cujo nome é de origem flamenga (*Huertere*, o primeiro donatário). O único monumento de um certo volume é a Matriz, antigo Colégio jesuíta. Em compensação, a própria cidade, com o seu casario branco semeado de araucárias, em anfiteatro, é o monumento da ilha: a cidade, com o porto artificial, o Monte Carneiro a uma ponta e à outra a Espalamaca, do alto da qual se desfruta um dos mais belos panoramas de ilhas e de canais: o Pico sobranceiro e violáceo ao fundo, com uma barra de nuvem no colo; mais longe o charuto da ilha São Jorge esfumado no mar; destacada e minúscula, a Graciosa. O próprio interior do Faial (Flamengos, etc.), visto dali, parece outra ilha, distanciada do espectador. Cedros, Flamengos, Capelo, Castelo Branco são sítios encantadores do Faial.



PICO — Com os seus 433 km. quadrados de superfície, quase toda de lavas, a ilha do Pico é uma das mais belas dos Açores, pela austeridade da sua paisagem vulcânica, que a montanha do Pico coroa de neves perpétuas a 2.284 m. de altitude. A ascensão a esta atalaia do arquipélago — *inútil farol, de noite; de dia, sinal sem testemunhas*, como lhe chamou

Transporte do leite na ilha do Pico





Foto: Jovial

Vale da Fazenda de Santa Cruz — Ilha das Flores



«Lagoa funda», na ilha das Flores

Chateaubriand, de passagem para a América (*Mémoires d'Outre Tombe*) — é uma das mais belas aventuras de alpinismo que se podem proporcionar. Do cimo avistam-se todas as ilhas do grupo central aos pés da imponente chaminé vulcânica.

As vilas «picarotas» — Lajes, São Roque e Madalena —, bem como as freguesias espalhadas pelo litoral, albergam uma das populações mais castiças de Portugal, gente secularmente entregue à pesca do Alto e à cultura da vinha. O vinho do Pico foi famoso; até na Rússia. O século XVIII fez dos picarotos, com o exemplo dos veleiros americanos, destemidos baleeiros e pioneiros do Far West, de orelha furada e argola de oiro (a insígnia flibusteira nos homens mais pacíficos e honrados do mundo...). A ilha está em permanente contacto de cabotagem com a cidade da Horta, a partir da Vila da



«O Caldeirão» — Cratera na ilha do Corvo

Madalena, e tem relações estivais frequentes com São Jorge, do Cais do Pico.



FLORES — 40 km. de comprimento por 15 de largura, e uns 7.000 habitantes. Com o Corvo, constituía o grupo das «Floreiras», como que distinto dos Açores conhecidos até meados do séc. XV, quando Diogo de Teive as achou. É ilha fortemente pecuária, como a Terceira e São Jorge, para muitos a mais bela dos Açores pela frescura edénica da paisagem, cortada de grotas e de «lombegas» onde vicejam os fetos e as hortenses, aqui mais abundantes e cerradas que nas restantes ilhas.

As vilas de Santa Cruz e Lajes são muito pitorescas e laboriosas. Os passeios que se podem dar na ilha são soberbos de graça e perspectiva, num quadro geográfico de perpétua bucólica, sempre entre pastagens e vacas de úberes cheios. Das Flores é natural um dos maiores poetas açorianos e simbolistas portugueses: Roberto de Mesquita, que cantou o isolamento brumoso e a melancolia dos horizontes atlânticos imutáveis. Alfred Lewis, luso-americano florense, descreveu o ambiente das Flores no romance *My home is an island*.



CORVO — Ilha quase microscópica, de 5,5 km. por 2, não chega a albergar mil habitantes. Vive-se ali de uma economia patriarcal, de trocas puras. A Câmara, a Fazenda e a Saúde cabem na mesma casa, onde até à visita do Presidente Carmona nem bandeira e adriça havia. Um médico e dois padres asseguram a assistência ao corpo e à alma. A fraca distância do Rosário, que é o único ponto da ilha onde há fôlego humano, o Caldeirão esgota todo o possível turismo, com a sua lagoa em que os naturais querem ver o mapa dos Açores no relevo de uns cabeços que lá emergem. Chateaubriand, na *Atalá*, pôs no finisterra corvino a estátua do herói Chactas.

INFORMACÕES: